

Introdução: A literatura mostra prevalência elevada de ansiedade, depressão, estresse, síndrome do burnout, suicídio, entre outros distúrbios, em médicos e acadêmicos de medicina. No primeiro ano, há a sobrecarga e trabalho, o ambiente competitivo e as constantes avaliações que antes não estavam presentes na vida escolar. No último ano, em contraponto, há a reflexão acerca do conhecimento adquirido ao longo de seis anos, a necessidade de fazer escolhas que determinarão o futuro profissional e a prova de residência. **Objetivo:** Comparar a prevalência de sintomas de estresse, ansiedade e depressão na entrada e na saída do curso médico em alunos da UFRGS. **Metodologia:** Foi aplicado o Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp (ISSL), um questionário sócio-demográfico e as escalas de Beck para depressão (BDI) e ansiedade (BAI). A pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética do HCPA. O instrumento foi autopreenchido de forma anônima e voluntária. Para análise estatística, foi utilizado o teste qui-quadrado para comparação das amostras. **Resultados:** Foram avaliados 110 alunos do 1º ano, com média de idade de 20,67 anos, 56,4% do sexo masculino e 122 alunos do 6º ano, com média de idade de 25,34 anos, 54,9% do sexo feminino. Quando comparados os grupos do 1º e 6º ano, verificou-se que os alunos do 1º ano tiveram prevalência de estresse maior que os do 6º ano (49,1% e 33,6% respectivamente), com diferença estatisticamente significativa ($p=0,024$); em relação à ansiedade, os estudantes do primeiro ano tiveram maior prevalência de sintomas de ansiedade do que os do 6º ano (31,8% e 9,4% respectivamente, $p<0,001$); a prevalência de sintomas depressivos na amostra foi de 21,8% no primeiro ano e 15,6% no sexto ano, sem diferença estatisticamente significativa entre os grupos ($p=0,292$). Na análise de toda a amostra por gênero, o sexo feminino apresentou maior prevalência de sintomas de ansiedade que o masculino (26,6% x 12,5% respectivamente, $p=0,013$); em relação aos sintomas depressivos, mesmo com uma maior prevalência no sexo feminino (21,7 x 15,4), não houve diferença estatisticamente significativa ($p=0,282$). A prevalência de estresse na amostra estudada foi de 40,9%. Dentre esses, 2,1% na fase de alerta, 93,7% na fase de resistência e 4,2% na fase de quase esgotamento. **Conclusão:** Momentos de transição na vida são geradores de maior estresse e ansiedade, o que pode justificar a prevalência maior no 1º ano. A educação médica expõe os estudantes à realidade hospitalar desde o primeiro ano do curso, incitando insegurança nos calouros, que passam a lidar não só com situações de enfermidade, como também encaram precocemente os dilemas de vida e morte. É possível que o conhecimento adquirido ao longo do curso, a faixa etária e a vivência da prática clínica propiciem uma condição psíquica aos alunos do final do curso que os possibilite enfrentar problemas similares aos quais se confrontavam quando estavam no 1º ano manifestando menor ansiedade e estresse. As intervenções para prevenir a manifestação desses sintomas devem ser precoces, já que o cenário da faculdade por si só já é colocado na literatura como importante estressor.